



BELA, RECATADA E DE ONDE QUISER...

Lucyanna Maria de Souza Melo(1); Diogo Emmanuel Lucena dos Santos (1); Romildo Fellipe do Nascimento Silva (2); Sybelle Karollynne de Holanda Azevedo Barros (3)

(Universidade Federal de Pernambuco, lucyanna.melo@hotmail.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, emmanuel_lucena@hotmail.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, fellipepsicologo@live.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, sybellekarollynne4@gmail.com)

RESUMO: O presente trabalho é fruto de uma revisão bibliográfica tendo por objetivo entender o empoderamento feminino das princesas dos estúdios Disney do século XX e XXI, colocando em pauta o posicionamento feminino na representação das animações produzidas pelo estúdio em questão. Através da descrição das produções de animação das princesas da Disney: Mulan (1998), Merida (2013) e Elsa (2014) analisamos, transpomos e explanamos o contexto da protagonista feminina e as questões de gênero intrínsecas aos longas. Tendo por objetivo compreender a dicotomia expressa entre os gêneros e o crescimento contínuo da figura feminina como a verdadeira protagonista do seu próprio filme; abordando assim, a representatividade das mesmas e a mensagem atual que transpassam.

Palavras-Chave: Princesas Disney, Questões de Gênero, Feminismo, Empoderamento.

INTRODUÇÃO

O estudo, baseado em princesas da produtora americana Disney, do século XX e XXI, coloca em pauta o posicionamento feminino na representação das animações produzidas pelo estúdio em questão. Assim como as questões da dicotomia expressa entre os gêneros e o crescimento contínuo da figura feminina como a verdadeira protagonista do seu próprio filme; abordando assim, a representatividade das mesmas e a mensagem atual que transpassam.

Para Bettelheim (2002, p. 26) “A questão para a criança não é ‘Será que quero ser bom?’ mas ‘Com quem quero parecer?’. A criança decide isto na base de se projetar calorosamente num personagem. Se esta figura é uma pessoa muito boa, então a criança decide que quer ser boa também”. Seguindo tal raciocínio, o mesmo ocorre para as questões de gênero.

O primeiro estágio do conceito de socialização é a imitação, e essa se dá pelos pais, nos quais são as figuras pioneiras nas quais as crianças irão se basear para imitação. Em segundo lugar vem tudo aquilo que a criança absorve ao seu redor; ao assistir uma animação na qual a personagem principal arruma a casa, e se submete a serviços abusivos, mesmo que inconscientemente, a criança procurará representar tal ato. Assim como, se absorve a personagem principal fazer atos heroicos irá querer reproduzir tal feito. E é a partir de tais representações que o empoderamento feminino tem



seu início (BERGER e BERGER, 1975)

Em uma pesquisa publicada pelo jornal *Washington Post* e realizada pelas linguistas Carmen Fought e Karen Eisenhaur (apud FREITAS, 2016), revelou que as princesas, supostas protagonistas de seus filmes, têm menos falas do que os personagens masculinos. A única exceção a essa regra (não só majoritária nos estúdios de animação) é o longa *Valente*, onde as mulheres têm 74% das falas. A diferença entre os gêneros ultrapassa a realidade e também domina a ficção voltada para o público infantil, que está na idade de entendimento e apreensão do que lhe é apresentado.

METODOLOGIA

O presente trabalho é fruto de uma revisão bibliográfica onde se utilizou das bases científicas do Scielo e Google Acadêmico fazendo um levantamento de artigos abordando questões de gênero, feminismo e movimentos sociais. O resumo buscou associar as obras existentes acerca do tema, analisando o empoderamento feminino das princesas dos estúdios Disney, assim como o posicionamento das mesmas em seus próprios filmes através de pesquisas descritivas acerca das produções de animação das princesas da Disney, *Mulan* (1998), *Merida* (2013) e *Elsa* (2014) analisando, transpondo e explanando o contexto da protagonista feminina e questões de gênero intrínsecas aos longas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Merida – Valente (Brave). Lançado no ano de 2012, com direção de Mark Andrews, Brenda Chapman e Steve Purecell.

Uma das princesas mais recentes do universo da realeza Disney, *Merida*, é de fato, a protagonista de seu próprio filme. No enredo do longa-metragem, o casamento, como na maioria dos filmes *princesoris*, é a pauta; porém, a princesa *Merida* destoa de tal título, e apesar de sair desse estereótipo, cai em outro, sendo considerada uma *Tomboy*, ou “meninas-moleque”: meninas, ou mulheres, que se identificam com atividades relacionadas aos homens, e que agem de maneira masculina; devido seu interesse por atividades consideradas do universo masculino (VASSOLER, 2013).

A partir de tal característica, a personagem começa a desmistificar o estereótipo de princesa: *Merida* pratica hipismo, escala morros, atira com arco e flecha, e despreza qualquer atividade considerada do universo feminino.



Sua mãe Elinor, é reincidente em lembrá-la dos deveres e posturas de uma verdadeira princesa, mas Merida deseja apenas a liberdade de ser ela mesma, estar onde quiser e fazer o que bem entender: sem limites por ser uma princesa ou simplesmente uma garota; sem seguir os estigmas das atividades separadas por gênero. De acordo com Brender (2013, p.42), *Valente* “é único e foi altamente elogiado por trazer o que foi considerado um ‘bom exemplo’ para crianças: Merida tem personalidade forte, luta pelo que quer, valoriza o amor da família, não se preocupa com sua própria aparência, foge completamente do estereótipo da princesa meiga e delicada à espera do príncipe”.

Sendo o único filme das princesas Disney, no qual as mulheres têm uma maior porcentagem de falas em relação aos homens, *Valente* mostra que além de desfocar no assunto central desses filmes, o casamento, o príncipe encantado também é deixado de lado. O amor verdadeiro não vem de um príncipe esperado por todo o filme, mas sim da própria mãe da protagonista. Assim sendo, o tipo de amor desenvolvido na trama é o fraternal, fato esse que é abordado em filmes posteriores como *Frozen: uma aventura congelante* (2013).

Elsa – *Frozen: Uma Aventura Congelante*. Lançado no ano de 2014, com a direção de Cris Buck e Jennifer Lee.

O longa traz como protagonistas as irmãs do condado de Arendelle. Não podendo deixar de lado a dependência feminina por um casamento, o filme coloca Anna, a irmã mais nova, como a princesa que sonha em encontrar *O* escolhido. “Essa característica dos filmes se arrasta por décadas, ajudando a naturalizar, no imaginário infantil, esse caminho como se fosse imprescindível” (VASSOLER, 2013, p.16).

Tal característica vem sendo desmistificada na atualidade, tendo em vista que o âmbito matrimonial não é tido como um objetivo na vida de muitas mulheres, abordado pioneiramente com a princesa Merida, na animação *Valente*, ratificado com Elsa, na animação *Frozen: uma aventura congelante*.

Elsa, irmã mais velha de Anna, é quem chama atenção na produção. Elsa não entra para o hall das princesas da Disney, sendo a única rainha das franquias das animações de realeza. Com tal posição, Elsa retrata a figura feminina no comando, àquela que não necessita de um casamento ou de um príncipe para chegar ao poder; como é retratado nas animações consideradas clássicos da Disney: *Branca de Neve* (1937), *Cinderela* (1950) e *a Bela Adormecida* (1959).



Elsa contrasta com Branca de Neve (1937), o primeiro do gênero produzido pela Disney, no qual, na época em que “foi produzido ainda existia o entendimento de que o casamento, para as mulheres, é essencial para a sua felicidade” (VASSOLER, 2013, p.16).

Nos anos 50, a perspectiva de um casamento era visto como objetivo de vida e de realização para jovens solteiras. Com o surgimento e o aumento dos movimentos femininos no social, iniciados nos anos 60, esse ensejo passa ter outro significado: o casamento deixa de ter conotação de realização na vida; as lutas das mulheres passam a ser por igualdade e direitos de tomar a centralidade em suas próprias vidas (BASSANEZI, 2002 apud VASSOLER, 2013).

O final do longa chega a surpreender a massa, pois o amor verdadeiro não é exposto como comum aos outros filmes de princesas, entre a donzela indefesa e o príncipe herói. O amor verdadeiro, em *Frozen: uma aventura congelante*, mostra-se como o amor fraterno entre as duas irmãs protagonistas; desconstruindo pioneiramente os roteiros cristalizados das animações *princesoris*.

Mulan – Lançado no ano de 1998, com a direção de Tony Bancrott e Barry Cook.

Fa Mulan, como todas as mulheres do Império Chinês, para honrar sua família, deve ser uma noiva recatada e arrumar um marido com a ajuda da casamenteira. Porém, desde o início do longa, a personagem parece longe de ser a noiva estereotipada, tomando para si as características de uma guerreira. Com a invasão dos Hunos, gangue que quer destronar o imperador e tomar a China para si, todos os homens são chamados ao treinamento para proteger sua nação, porém o líder da família Fa, pai de Mulan, com a saúde frágil e com sequelas de guerras antigas não tem condições de ir para outra guerra.

Vendo a situação na qual seu pai enfermo entraria, e querendo retomar sua honra na família, Mulan transveste-se de homem, rouba a armadura e armamentos de seu pai, e enfrentando todos os riscos, segue para o acampamento de guerra, fingindo ser um filho distante.

Na batalha contra os hunos, é Mulan, conhecida como Ping, que toma a frente para vencer o embate. Nenhum príncipe aparece para resgatá-la e salvá-la da morte; ela mesma faz isso e ainda salva os membros de seu regimento. Ao descobrirem sua verdadeira identidade, humilham-na e desmerecem todos os seus feitos, pelo simples fato de ser uma mulher. É a partir desse trecho do longa-metragem que se percebe a dominação do gênero masculino sobre o feminino, no qual, serve



de base para o preconceito existente com relação a diferentes capacidades atribuídas a homens e mulheres.

É notável, no filme, que não é apenas uma questão biológica, como proposto pela psicologia evolucionária e sim, algo enraizado culturalmente, o que leva a vertente do construtivismo social, na qual, teorias científicas são moldadas por contextos sociais (BRYM et al., 2006).

Apesar do fato de ela ter salvo todo o regimento, incluindo seu capital-general, é condenada à morte pelo assistente do imperador. Porém, o capitão Li Xang, reconhece o ato de quem o salvou, e a poupa por isso. Ao final do longa, tal situação de inferioridade feminina, é desmistificada com Mulan sendo parabenizada e ovacionada pelo imperador da China e pelo povo chinês.

Ou seja, pensando a partir da contraposição entre as *princesas clássicas* – complacentes e bondosas – dos contos de fadas, como Cinderela, e as *princesas rebeldes* – desobedientes e determinadas – como a guerreira Mulan, coloca-se em questão os modelos de feminilidades em jogo nessas narrativas: enquanto um modelo *tradicional* de “boa moça” ou enquanto uma mulher *moderna* que luta para realizar suas vontades, os modelos de feminilidades são negociados em referência ao contexto sócio-histórico do texto narrativo e, desse modo, a influência do movimento feminista dos anos 60 e as novas possibilidades de “ser mulher” por ele abertas são, a partir da “rebelião” de Mulan, ressoadas (ESCOURA, 2010, p.7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo uma ordem cronológica dos lançamentos dos filmes das princesas da Disney, acompanhando os contextos históricos acerca de cada lançamento, pode-se perceber a contextualização social no enredo das produções, acompanhando as conquistas femininas.

Tais termos Bela, recatada e “do lar” tornam-se anacrônicos colocados o atual período, onde a luta pela igualdade de gênero, não só perante a lei, mas também diante da prática na sociedade, torna-se concreta e a cada dia mais forte. O retratado nas animações das princesas da Disney, ao mesmo tempo que parecem ser ficções apenas para o entretenimento, trazem à tona a realidade social.

Com Mulan, considerada uma *princesa rebelde*, a representação, mesmo que mínima, tem um início. Após anos, chega aos cinemas Merida, (des)construindo, de forma pioneira, os padrões de beleza e a imposição do casamento, retratado de forma cristalizada nas Princesas Clássicas. Elsa,



como rainha, retrata a realidade na qual mulheres ocupam altos cargos políticos, mostrando que possuem tanta capacidade quanto o sexo oposto.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, M.; CHAPMAN, B. e PURECELL, S.. Valente. Estados Unidos da América; Pixar Animation Studios; Walt Disney Pictures, 2013. DVD. 1H35min.

BANCROTT, T.; COOK, B.. Mulan. Estados Unidos da América; Walt Disney Pictures, 1998. DVD. 1H28min.

BERGER, L. P.; BERGER, B.. Socialização: como ser um membro da sociedade?. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. S. **Sociologia e Sociedade** (Leituras de introdução à Sociologia). Rio de Janeiro: LTC, 1980. 200-214.

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BUCK, C.; LEE, J.. Frozen: uma aventura congelante. Estados Unidos da América; Walt Disney Pictures, 2014. DVD. 1H42min.

BRYM, R. et al.. **Sociologia: Sua Bússola Para Um Novo Mundo**. São Paulo: Cenage Learning, 2006.

BREDER, F. C.. Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney. Universidade federal do rio de Janeiro centro de filosofia e ciências humanas escola de comunicação. Rio de Janeiro, 2013. p. 74. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/kristen-howerton/parents-guide-to-brave_b_1603208.html. Acesso em 7 de maio de 2016

ESCOURA, M.. Como em um passe de mágica: princesas, consumo e performances na construção do gênero na infância. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 9., 2010, Florianópolis. Anais eletrônicos. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277863122_ARQUIVO_PaperFG9.pdf. Acesso em: 19 maio 2016.

FREITAS, A.. (2016). Princesas da Disney têm menos falas do que personagens homens em seus próprios filmes. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/01/29/Princesas-da-Disney-%C3%AAmenos-falas-do-que-personagens-homens-em-seus-pr%C3%B3prios-filmes>. Acesso em: 18 de maio de 2016.

VASSOLER, A. L. C.. Valente: o cinema como ferramenta para a discussão sobre gêneros em sala de aula. 2013. 40-f. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/121677>. Acessado em: 10 de maio de 2016.